

# A PHILOMELA

JORNAL RECREATIVO E LITTERARIO.

Publica-se semanalmente na typographia da rua d'Alfandega N. 126. Vende-se e assigna-se na mesma.

Com singelos recreios litterarios  
Enganão-se do tempo horas pesadas.

Falme



## A PHILOMELA.

### Meditação.

Leitor, já sentiste as emoções que dá a passagem de uma cidade cheia de tumulto ao recinto da solidão nas bellas campinas do Brasil? Seria por sem duvida a hora do teu passamento de um viver monótono e insípido ao paraíso onde acharias a expressão real e não tocada da Divindade com todos os effluvios de uma alma poetica. A brisa d'aquella é o simoon, inda que enfraquecido, que vem descorar as tuas faces; a tua imaginação embotada pelos elementos rudes de um viver angustiado atira-se nos braços do materialismo. Mas a brisa d'esta com o ambar do bosque perfumada anima o teu rosto, e no contemplo da magnificencia que alli ressumbra encontrarás o complexo de todas as maravilhas e encantos que excitão o maravilhoso.

Taes forão as minhas reflexões n'um dia de bem saudosa recordação.

A manhã me cumprimentava, e amena se sorria. Um manto do mais transparente azul mostrava ufano o seu emblema: era o bello sol do mez de Outubro marchetando as aguas de um rio com o indescriptivel lavor de sua prata. O rio, benigno em sua fundura e placido no seu caminhar, mostrava as pedrinhas de seu leito de mil fórmias e variadas côres. O borborinho das aguas, acompanhando o susurro fraco da folhagem e o sibilar vacillante da brisa nos troncos das mangueiras soberanas, formava a melodia dos anjos que alli me entretinhão. O meu espirito não tinha com que lutar, nem minh'alma impressões para desfazer. Quem interrompe o meu extasis?... O gemido da rola;

contraste singular — ella geme, e o seu gemer dilata o meu coração para uma sensação agradável. Logo vem o canto do sabiá; este passarinho sempre contente e sempre esquivo, lá mesmo do cimo do mais alto coqueiro, entorna em meus labios o oasis precioso que só elle tem!

Já era muito para um coração acabrunhado pelo enorme peso do materialismo, fundido no habito monótono e desagradavel do nosso viver commum.

Transportado por um momento ao mundo do maravilhoso, eu julguei o meu extasis de ephemera duração.

Fosse porém eterno, alguma coisa faltava para complemento de minha ventura. A imagem da mulher em fórmula de anjo não pôde ser substituida com o mais durado panorama que a natureza nos desenvolva: o vacuo sempre fica para ella destinado; e se á primeira vista se dilata o coração pela força da magnificencia divina, logo elle se vai cerrando pela falta de um incentivo que assim o contenha até que sobre elle cahe o véo da indolencia.

E' porque falta a mulher; a mulher nasceu para todos, e ninguém nasceu para ella: — prisma entre todas as perfeições da natureza — emblema para todas as illusões seductoras — corôa de todas as magestades, mas magestades que sem ella são facticias.

Sacrifica todas as tuas paixões á um outro poder que não seja o da mulher; e dir-me-has depois se o teu coração não te reprehe de que fizeste. Um altar mais elevado para outrem que não seja a mulher: fal-o-has; mas depois uma adoração estúpida ao primeiro; e no segundo que para a mulher mais baixo collocaste, tu mesmo, impellido por um sentimento talvez de

arrependimento, irás multiplicar o numero de suas luzes para realçar o seu esplendor, e adorares aquelle poder magnetico com que ella te subjuga á sua soberania.

Tacharás de falsa a minha asserção, e por isso destructivel, mas dizê-me se inspirações mais sublimes te deu alguém que não seja a mulher, e se haverá quem supra a sua falta no teu idealismo. N'elle de tudo prescindirás, menos da mulher que é a sua alma e sua vida.

Lembrei-me d'isto, e então, olhando com desdem para o que ha pouco havia surpreendido agradavelmente a minha alma, conheci que sem a presença da mulher todas as surpresas são ephemerias, e só a d'ella promettia longa duração.

E como seja ella o calix inesgotavel das delicias na vida, deixei sem saudades aquelle lugar, e pressurosamente fui buscar o repouso e remate de minha felicidade. . . . foi então que pude distrahir-me de amargurados pensamentos.

*Sampaio e Mello.*

## MARGARIDA LAMBRUN.

Estamos no anno de 1587 e em um miseravel casebre de Church-Hill, em Londres. Deitado em pobre leito, collocado á um canto de estreito e misero aposento, um homem debatia-se com a morte. Nas ultimas convulsões de sua agonia, este homem ergueu-se subito, e fixando os olhos para os pés da cama, como se ali lhe apparecesse alguma cousa extraordinaria, chamou em voz baixa uma mulher que jazia prostrada ante um crucifixo.

— Margarida, Margarida, disse elle, ah! chegam os condes de Shrewbury e de Kent; impede-os que se aproximem da rainha, sim, impede-os, porque lhe trazem a barbara sentença.

A' estas palavras, Margarida Lambrun, que tinha sido uma das criadas da infeliz Maria Stuart, conchegou-se do leito onde se achava seu marido; notou o luzir excessivo de seus olhos tão alquebrados um momento antes, e concebeu uma esperança que perdêra, havia muito tempo; porém, apenas encostou-se á cama, elle proseguiu:

— Margarida, não fizeste o que te eu disse: os dois condes virão a rainha, e a desgraçada

prepara-se para morrer; mas, já que é de mister que ella morra, fecha ao menos a porta á fim de que ninguém a vá perturbar nas suas ultimas orações.

Margarida reclinou-se sobre seu marido, e querendo poupar-lhe as torturas de uma tão funesta visão, postou a mão adiante de seus olhos, esperando desviar assim sua attenção; porém não era allucinado que o moribundo via a horriavel scena, e por isso accrescentou cheio de raiva:

— Margarida, Margarida, não fizeste o que te eu disse, e eis a razão por que o deão de Peterborow e o conde de Kent vem atormentar a alma antes que o carrasco se apodere do corpo. Não vês o conde que quer arrancar o Christo das mãos da victima? não ouves o herege que amaldiçoa a alma da santa?

Margarida recuou, porque seu marido designava com o dedo as pessoas de que fallava, como se as visse atravez da mão que lhe vendava os olhos. Ao mesmo tempo, singular admiração uniu-se ao desespero que se debuxava no semblante da desditosa mulher.

— Ah! exclamou repentinamente o moribundo; ninguém cumpriu sua palavra: Babington não vem, como promettêra; é o algoz quem entra! — Margarida, elle deixou a machadinha atraz da porta; vai escondel-a... bem longe... para que não a possa achar no momento fatal!

Margarida affastou-se ainda mais ao ouvir estas expressões de seu marido, que proseguiu depois de longo silencio:

— Margarida, não fizeste o que te eu disse; o carrasco achou a machadinha, e a cabeça da rainha já está sobre o cepo. . . .

Interrompeu-se, e tendo sido preza de um estremecimento convulsivo, bradou:

— Está salva a rainha! está salva!... o executor descarregou o golpe e a cabeça não cahiu por terra.

O enfermo deteve-se novamente, e seu olhar abaixou-se rapido como se acompanhasse o instrumento do supplicio; então seu rosto contrahiou-se á causar horror, suas mãos firmarão-se de encontro á parede, e d'ahi tirarão uma espada e um par de pistolas que estavam penduradas; e para logo apresentando-as á sua mulher, que recebeu-as com um movimento machinal, exclamou com voz furiosa:

— Margarida, não fizeste o que te eu disse, e a cabeça rolou ao chão. Jura-me agora que farás o que vou ordenar-te; olha, toma estas

armas... mata... mata o algoz que deu o segundo golpe; sim, porque houve um outro que entrou em quanto escondias teu rosto, e este outro algoz é Isabel!...

A' estas palavras, o misero servidor de Maria Stuart cahiu morto sobre a cama, onde penava havia um mez, se se puder conceder soffrimento onde ha desmancho de razão; porque, preciso é dizel-o, o que tinha facultado á esta scena um character ainda mais horrivel, era que, no mesmo dia da condemnação de Maria Stuart, Lambrun fôra victima de um tal accesso de loucura, que nada comprehendia do que se passava de redor, e que obrigou á fecharem-o em um quarto bastante retirado do da rainha. Elle pois não fôra testemunha da execução; não se apercebêra mesmo que o havião restituído á liberdade, bem como á sua mulher, e, até aquella hora suprema, uma só palavra sua não fizera suspeitar que lhe era dado o menor conhecimento do que tinha acontecido.

Deve-se agora dar importancia ao pasmo de Margarida ao ouvir seu marido relatar com tanta precisão circumstancias que só um poder sobrenatural lhe poderia revelar no miseravel estado em que elle se via.

Entretanto á par d'estas circumstancias reaes e a apparição de Isabel, apparição ideada por um agonisante em delirio, havia uma unidade de pensamento difficil de comprehender-se; mas, se se tiver em vista que esta scena era apresentada á um espirito exaltado pelo desespero, pela supplica e pela apparencia de duas mortes tão extraordinarias, pôde-se crer que os factos reaes e os imaginarios confundião-se facilmente em um só pensar. Não queremos dizer com isso que Margarida acreditava na veracidade da acção que seu marido attribuia á Isabel; porém logo que ella pôde suppor por uma razão provavel que revelação divina havia facultado á seu marido detalhes que, na qualidade de homem, devia ignorar, pensou que a visão celeste queria apontar Isabel como o verdadeiro algoz de Maria, designando-a ao moribundo como a propria que descarregára a machadinha, e não duvidou que seu esposo fosse o órgão do Céu recommendando-lhe o assassinato da rainha, e entregando-lhe as armas com que devia pol-o em execução.

Fôe este sem duvida o objecto da longa meditação de Margarida Lambrun depois do passamento de seu marido, meditação tão profunda

que durou muitas horas; n'este intervallo reteve ella nas mãos as armas que recebêra, sem fazer um movimento, sem mudar de posição. Foi também o pensamento de que seu esposo lhe legára um dever fatal no seu cumprimento, que salvou-a do desespero inundado de lagrimas que sóe estalar na occasião de uma morte, algumas vezes prevista, mas cujo aspecto não é menos angustiador.

Por essa razão, Margarida Lambrun envolveu á sós e sem temor o cadaver de seu marido no sudário dos mortos; presidiu ás suas exequias, e abandonou a pobre casinha que occupava depois de ter vendido os moveis e joias que possuía, sem que um só signal trahisse a dor que se lhe deveria suppor. (Continúa.)

## O Agradecimento.

O agradecimento é a medida da grandeza d'alma; as almas mais agradecidas são as mais elevadas, são as mais nobres.

O agradecimento é o poderoso laço que nos prende aos nossos bemfeitores, é a generosa paga do desvalido, e a unica retribuição dos sacrificios que o ouro não pôde comprar. E' a paga do coraço; e por isso a maior de todas.

Mas, por quantos modos tão diversos, tão doces, tão attractivos, tão mudos e eloquentes, não se expressa elle?!...

Aqui está um menino, nos braços de sua mãe, inquieto e chorando para obter um brinquedo que percebeu nas suas mãos; e ella lh'o vai dar. Ah! quanto encanta vel-o agora estendendo a mãosinha, alegrando o rosto, seccando as lagrimas, tomal-o com um sorriso nos labios!...

Vês este sorriso do menino? E' o seu agradecimento... tão singelo ainda quanto o seu coraço... mas quão expressivo!...

Alli uma donzella, toda cheia de encantos e de belleza, corre amedrontada de um touro que a investe. Ella já o vê proximo; e por tanto proxima a sua morte. De subito se dispara um tiro, e o animal, selvagem e bruto, jaz estendido sobre a terra sem o menor indicio de vida. Por entre as folhas do matto surge um mancebo, que se entretinha caçando — é o salvador de sua vida! Porém ella, muda e immovel com o que se acaba de passar, apenas lhe fita um olhar meigo e terno...

Vês este olhar da donzella? E' o seu agrade-

cimento.... tão cheio de amor em sua ternura quanto ella mesma.

Acolá, mal respira um enfermo coberto de andrajos — sobre seu leito esvoaça a morte; e em torno d'elle a isolacão e a miseria.

Um só amigo existe á seu lado, um amigo que véla sobre elle, e que forceja por lhe conservar a vida. E' o seu medico!... elle que, tendo já esgotado todos os soccorros de sua arte, trabalha para soccorrer a alma do corpo que está prestes a perder a vida!...

Pobre enfermo! Eil-o tocando o ultimo instante de sua existencia!... e é n'esse instante, em que já seus labios não podem balbuciar uma só palavra, que elle ternamente aperta a mão de seu medico, e que de seus olhos deixa escapar-se uma lagrima...

Vês esta lagrima do moribundo? E' o seu agradecimento.... tão sentimental e tão forte quanto o seu sentir....

O sorriso do menino, o olhar da donzella e a lagrima do moribundo, são expressões mudas; porém mais eloquentes do que todas as palavras; porque são expressões de agradecimento, e por isso filhas do coração.

Doce agradecimento!... tu és uma dadiva de Deos, uma belleza da alma, e um encanto do homem.... (Extr.)

## POESIAS.

### Soneto.

Se tu murmuras, lingua viperina,  
Dos arcanos que n'este cófre encerro,  
Suppondo-os, quaes de Amor, prendas do erro;  
Abre, e vê que teu genio te allucina.

D'essa Afilhada-Irmã, casta Joaquina,  
Por quem saudoso choro em meu desterro,  
Estes os Livros são, que com aferro  
Lia, com voz humana, a VOZ DIVINA.

E' sua a tranga, que minh'alma zéla,  
Nunca manchada pela bába impura  
D'esses qu'impestão Virginal-donzella.

E esta que vês emfim, chavinha dura;  
No sarcóphago fechou-me o corpo d'ella  
Na hora em que desceu á sepultura.

### Colcheas.

*Pouco valem os tormentos  
Para quem sabe soffrer.*

GLOSA.

LELIA, aos meus juramentos  
Que te dei do amor mais puro,  
Por me fazerem perjuro  
*Pouco valem os tormentos.*  
Embora os fados cruentos  
Entornem, por me vencer,  
A taça do desprazer;  
A ti fiel com transporte  
Proverei ser doce a morte  
*Para quem sabe soffrer.*

*En morro porque tu queres  
Tu vives porque me matas.*

GLOSA.

Se á paixão tu fé não deres  
Que o peito meu despedaça,  
Fazendo minha desgraça,  
*Eu morro porque tu queres.*  
Não, LELIA, não consideres  
Que a vida tu me dilatas,  
Nem á morte me arrebatas  
Com tão mesquinho soccorro;  
Por amar-te, ó LELIA, eu morro,  
*Tu vives porque me matas.*

### A SOMBRA E A AUSENCIA.

A sombra explica o amor  
Que o peito meu atormenta;  
Quanto mais longe ella está  
Mais activo em mim se augmenta.

A ausencia é como o vento,  
Qu'extinguindo a leve flamma,  
Quanto mais se engrossa o fogo  
Mais ateia a sua chamma.

### CHARADAS.

Eu não sou o que já fui, — 1  
Tambem mesclado não sou; — 2  
Mas faz as obras perfeitas  
O alinho que lhes dou.

O que fui ora não sou, — 1  
Por estar sempre a mudar. — 3  
De mim foi ter com seu Pai  
Quem nunca deveu peccar.

A explicação da charada do N. 2 é — *Remorso*,  
— e a do logogrifo é — *Gatoramo*.

### RIO DE JANEIRO.

Typ. de Rosario & Mello, rua d'Alfandega, 126.